

## O USO DO FACEBOOK PELA APP-SINDICATO NA BATALHA DO CENTRO CÍVICO<sup>1</sup>

**Fábio Alves Silveira<sup>2</sup>, Kátia Viviane da Silva Vanzini<sup>3</sup>, Priscila Santana Caldeira<sup>4</sup>, Sheila  
Luana Sales Abrantes<sup>5</sup>**

### RESUMO

Duzentas e treze pessoas ficaram feridas depois de um conflito com a Polícia Militar, no Centro Cívico de Curitiba, no dia 29 de abril de 2015, quando participavam de uma manifestação de servidores públicos estaduais contra mudanças na previdência. O grupo de manifestantes era formado majoritariamente por professores da rede estadual de ensino, representados pela APP-Sindicato. O trabalho analisou o uso da *fanpage* da APP-Sindicato no *Facebook*, como estratégia de conquista da opinião pública no período de 29 de abril a 6 de maio. A pesquisa é fruto de uma análise exploratória e descritiva das ações da entidade. Como resultados encontrados, apontamos que a APP-Sindicato usou o *Facebook* como instrumento de mobilização, organização e divulgação de suas ações. O uso das tecnologias pela entidade sindical é semelhante ao feito por movimentos sociais da primeira metade desta década, como o *Occupy* nos EUA, a Primavera Árabe ou o 15M na Espanha.

### INTRODUÇÃO

Os acontecimentos de 29 de abril de 2015 ficarão marcados na história do Paraná por uma batalha campal com cerca de duas horas de duração, na qual policiais militares bombardearam um grupo de manifestantes formado majoritariamente por professores da rede estadual de ensino, mas também por diversas categorias do funcionalismo público. Os manifestantes protestavam contra a votação pela Assembleia Legislativa de um projeto de lei

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Eixo Temático 02 - Movimentos Sociais/ Ciberativismo/Resistência do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup> Jornalista, mestre em Ciências Sociais pela UEL, doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Bauru e professor do Departamento de Comunicação Social da UEL. E-mail: fapoars@hotmail.com.

<sup>3</sup> Jornalista. Mestre em Comunicação pela UNESP. Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-graduação em Comunicação da FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Bauru. Membro do grupo de pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais - ComMov (UNESP/Bauru). Email: [katiavanzini@gmail.com](mailto:katiavanzini@gmail.com)

<sup>4</sup> Jornalista. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Bauru. Membro do grupo de pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais - ComMov (UNESP/Bauru). Bolsista Capes. Email: [priscilacaldeira@faac.unesp.br](mailto:priscilacaldeira@faac.unesp.br).

<sup>5</sup> Relações Públicas. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Bauru. Membro do grupo de pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais - ComMov (UNESP/Bauru). Email: [sales.abrantes@gmail.com](mailto:sales.abrantes@gmail.com)

que determinou mudanças na previdência dos servidores estaduais e que naquela mesma tarde foi aprovado pela maioria dos deputados. O conflito deixou 213 feridos. O objetivo do cerco policial montado pelo governo era impedir que os manifestantes entrassem no prédio da Assembleia Legislativa e ocupassem o plenário, impedindo a votação, como já havia acontecido em fevereiro, na primeira vez que o projeto entrou em pauta.

Para além das cenas chocantes, que ganharam espaço no noticiário nacional, o episódio trouxe à tona o uso pelo movimento sindical de táticas adotadas pelos movimentos sociais contemporâneos em diversas partes do mundo na primeira metade desta década, como na Primavera Árabe, o 15M espanhol e o *Occupy*, nos Estados Unidos, principalmente no que diz respeito às tecnologias da informação.

O objetivo do presente trabalho foi analisar o uso dessas estratégias pela APP-Sindicato, entidade representativa dos professores e servidores da rede estadual de ensino, que formam a maior categoria do funcionalismo público paranaense – cerca de 120 mil trabalhadores na ativa, o que equivale a um terço dos servidores estaduais. O estudo focou a *fanpage* da entidade no *Facebook*, por se tratar da presença mais relevante da APP-Sindicato nas redes sociais: são 71 mil curtidas, enquanto o perfil do *Twitter*, outra rede social importante no atual contexto dos movimentos sociais contemporâneos, tem 1.915 seguidores.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho é fruto de uma análise exploratória e descritiva das ações da APP Sindicato em sua página no *Facebook*, no período de 27 de abril a 6 de maio. Para a análise dos dados coletados, utilizamos a metodologia de Análise de Conteúdo para avaliar as postagens na página oficial da entidade no *Facebook*. Também procuramos apresentar a revisão bibliográfica dos principais conceitos que serão abordados durante o trabalho.

Como resultados encontrados, apontamos que a APP-Sindicato usou o *Facebook* como instrumento de mobilização, organização e divulgação de suas ações aproveitando as repercussões das manifestações realizadas em Curitiba para alavancar o número de curtidas, compartilhamentos e comentários em sua página principal. As fotos, textos e principalmente os vídeos postados tiveram altos índices de compartilhamentos, curtidas e visualizações, demonstrando que eles atingiram tanto a categoria representada pela entidade, quanto os demais segmentos da sociedade paranaense.

## **RESULTADOS**

A motivação para a paralisação dos professores deve ao fato de que o Paraná virou de 2014 para 2015 novamente com dívidas com os fornecedores<sup>6</sup>. Antes de iniciar a segunda fase do ajuste fiscal, que foi encaminhado para a Assembleia Legislativa no começo de fevereiro, o governo suspendeu o pagamento do terço de férias dos servidores em geral e dos professores em particular – eles teriam direito de receber em dezembro, quando das férias escolares, mas isso só aconteceu em março, como parte do acordo para por fim à primeira greve, iniciada em fevereiro e que teve 30 dias de duração. A principal medida do ajuste, as mudanças na ParanáPrevidência<sup>7</sup>, foi fortemente rejeitada entre os servidores e provocou a mobilização do funcionalismo.

Para a compreensão do fato se faz necessário o recuo para o dia 27 de abril é importante, por ser esse o momento em que os professores começaram a chegar ao Centro Cívico de Curitiba para acompanhar a votação do projeto de lei que tratava das alterações na Paraná Previdência. Lá eles encontram o prédio do Poder Legislativo cercado por policiais militares convocados de todas as partes do Estado. Segundo informações publicadas pela imprensa, 1.300 policiais foram convocados para o cerco, um efetivo maior do que a tropa que serve à cidade de Londrina, que conta com mil policiais.

Os professores começaram a chegar ao Centro Cívico de Curitiba em 27 de abril para acompanhar a votação das alterações na ParanáPrevidência, marcada para o dia 29. Lá eles encontraram o prédio do Poder Legislativo cercado por policiais militares convocados de todas as partes do Estado. Impedidos pelo bloqueio de acampar na Praça Nossa Senhora de Salete, em frente ao Centro Cívico – como tinham feito em fevereiro –, os professores se instalaram em outra praça próxima ao Centro Cívico, a 19 de Dezembro. É sobre essa chegada que trata a primeira postagem entre as 15 que foram feitas no dia, às 8h02min: “E o formigueiro começa a se agitar” é o título da postagem, que conta com uma foto mostrando o desembarque dos professores recém-chegados do interior do Estado. A postagem teve 166 compartilhamentos e 447 curtidas. A tônica das postagens da manhã é esta: informações com

---

<sup>6</sup> No primeiro trimestre a dívida era calculada em R\$ 1,3 bilhão, segundo informou o jornal Gazeta do Povo ([http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/caixa-zero/divida-do-governo-com-fornecedores-passa-de-r-16-bilhao /](http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/caixa-zero/divida-do-governo-com-fornecedores-passa-de-r-16-bilhao/)).

<sup>7</sup> A ParanáPrevidência, fundo criado em 1998 para arcar com as aposentadorias do funcionalismo público paranaense, contava com R\$ 8 bilhões em caixa no começo deste ano, dinheiro arrecadado quase que exclusivamente com a contribuição dos servidores, já que o Estado raramente pagou a sua contrapartida (pela legislação brasileira, empregado e empregador dividem o pagamento da previdência pública). A reforma aprovada em 29 de abril permite que o governo pague 33,5 mil aposentados e pensionistas, até aqui pagos com recursos do tesouro estadual, com dinheiro da ParanáPrevidência contribuíram com o fundo. A medida gera uma economia de R\$ 125 milhões por mês para o Estado. Para mais informações: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/projeto-decreta-a-morte-da-paranaprevidencia-diz-idealizador-do-orgao-ejp99un3y77h0nt3nmk7qek3y>.

fotos sobre a chegada e as movimentações de professores para acompanhar a semana de votações na Assembleia Legislativa.

O dia seguiu sem que os conflitos que ocorreriam nos dias seguintes, mas as 15 postagens feitas na *fanpage* da entidade começam a ter repercussão. As duas mensagens mais populares do dia foram feitas em horários próximos. Às 11h31min, um vídeo mostrando a chegada dos professores em passeata ao Centro Cívico, cantando a música “Caminhando”, de Geraldo Vandré, teve 63.916 visualizações, 1.365 curtidas e 1.827 compartilhamentos. Foi a maior quantidade de compartilhamentos do dia.

O dia 28 de abril começa mais agitado e as primeiras postagens aparecem no começo da madrugada. A 1h37min da terça-feira, a entidade posta fotos de policiais empurrando professores, minutos depois de o fato ter acontecido. É a informação em “tempo real”, no mesmo formato em que ela é usada pelos veículos de comunicação em suas edições online. A segunda postagem é feita três minutos depois, só com texto e a terceira, à 1h43min, seis minutos depois da primeira informação, já traz um vídeo de 19 segundos mostrando a confusão. No vídeo, uma pessoa pergunta o motivo da retirada do caminhão – a Polícia Militar tentava ampliar o cerco, mas os manifestantes resistiam. Esse vídeo tem 25.447 visualizações, 466 curtidas e 641 compartilhamentos.

No período que vai até às 5h50min são feitas oito das 21 postagens do dia (mais de um terço) e cinco delas são de vídeos, quase todos mostrando a confusão. Todos esses vídeos têm grande número de acessos. Às 2h36min, uma hora depois da primeira postagem, o vídeo que mostra um policial militar tirando o carro de som teve 52.509 visualizações; dois minutos depois é postado outro vídeo, que alcançou 59.216 visualizações; em outro vídeo postado às 5h48min – o penúltimo da madrugada – um policial, ao ser questionado sobre qual lei é usada para forçar o recuo, responde: “eu faço a lei”. E depois se corrige: “eu cumpro a lei”. 50.596 pessoas assistiram. Fechando a madrugada, uma diretora da APP aparece num vídeo contando o que aconteceu. O vídeo é visualizado 80.268 vezes e é compartilhado 2.983 vezes.

Um detalhe importante é que durante o período da madrugada não havia nenhum jornalista que trabalha para a APP-Sindicato participando ou fazendo a cobertura do acampamento. Isso significa que todo esse material postado durante a madrugada foi produzido e veiculado pelos próprios ativistas que participavam da vigília.

Depois que as transmissões da TV APP, pelo *Youtube*, foram encerradas, a entidade fez uma postagem indicando o *link* da TV 15, ligada ao senador e ex-governador Roberto Requião (PMDB), que estava transmitindo ao vivo, de dentro do plenário, a votação na Assembleia Legislativa do Paraná (Alep)– que teve sequência apesar da dramaticidade do momento. A *fanpage* informou, inclusive, sobre polêmicas de dentro do plenário. O líder da

oposição, Tadeu Veneri (PT), disse que cinco pessoas eram mantidas presas dentro do prédio da Alep, dizendo, segundo a APP, que o prédio do parlamento “não é cadeia”. O presidente da Casa, Ademar Traiano (PSDB), respondeu que tratava-se de “*black blocs*”.

Em uma das últimas postagens desse dia, a entidade trocou a foto do perfil, antes vermelha e branca com o slogan “eu tô na luta”, por outra em preto e branco e o slogan “eu to de luto”.

A movimentação da *fanpage* da APP-Sindicato no dia 29 de abril é tão intensa quanto os acontecimentos da data, chamada pelos professores de “massacre do Centro Cívico”. Nesse dia foram feitas 53 postagens (média de 2,2 postagens por hora), que receberam 58.173 curtidas e 43.486 compartilhamentos. As primeiras oito postagens foram feitas entre as 7h29min e às 14h56min. Até ali era um dia normal. Os textos, as fotos e os vídeos informam sobre as movimentações de bastidores em torno da votação. Uma das informações é sobre a presença de senadores paranaenses, que tentaram negociar a retirada do projeto.

A primeira postagem que fala do ataque da polícia aparece às 15h. A foto, anterior à ação da Polícia Militar, mostra policiais enfileirados. Ao lado, uma charge do governador caracterizado como o vilão de desenho animado Dick Vigarista<sup>8</sup>. O texto é curto e afirma que “o ataque começou”. “A polícia dispara bombas, bala de borracha e spray de pimenta. A situação é caótica. Os primeiros feridos estão sendo atendidos por ambulância atrás do caminhão de som da APP-Sindicato”, diz o texto.

A essa altura a *fanpage* ganha um perfil mais informativo, disparando 13 postagens entre as 15h e às 16h, algumas com intervalos de dois minutos. Note-se que a APP-Sindicato transmitia a manifestação em vídeo, ao vivo, pelo *YouTube*. Todos os esforços de comunicação e de informação da entidade se concentram no *Facebook*. Tanto que o site da APP-Sindicato só vai tratar do assunto às 18h15min, publicando uma nota de repúdio. No *Facebook*, as postagens são com textos curtos informando sobre o ataque. Às 15h37min, a entidade informa que o helicóptero do governo lança bombas sobre os manifestantes. Um minuto depois, a entidade informa que a Polícia Militar rebocou um caminhão da APP, de onde era feita a filmagem.

O primeiro vídeo só aparece às 15h45min ele tem 28 segundos – é pequeno provavelmente pela facilidade de ser postado pelo celular para a *fanpage* – e mostra um cadeirante no meio da confusão. O vídeo teve 75.744 visualizações. O primeiro álbum com fotos só aparece depois das 16h, com cinco fotos. Daí em diante começam a aparecer mais imagens. Os ataques duraram cerca de duas horas e as postagens desse dia, além de informar sobre a agressão da polícia, procuram prestar serviços, como por exemplo, orientar sobre o

---

<sup>8</sup>O uso do vilão do desenho animado chamado “corrida maluca” ironiza a paixão do governador pelo automobilismo, esporte do qual ele é praticante.

atendimento jurídico prestado pela entidade, orientação sobre denúncias para o Ministério Público e até o combate a boatos, como o de que o conflito teria gerado vítimas fatais.

Em 30 de abril, dia seguinte aos acontecimentos do Centro Cívico, a *fanpage* da APP-Sindicato atua principalmente na repercussão do episódio, com textos e fotos de apoio, tanto individuais, quanto de outras entidades. O número de postagens é bem menor que o da véspera e o dos dias anteriores: 11. Nas 21 postagens feitas no dia 1º de maio, o conteúdo vai notícia da intenção do Ministério Público de ouvir vítimas do massacre, nas investigações abertas para apurar responsabilidades pelos acontecimentos à repercussão dos fatos, com manifestações espontâneas de professores tanto da rede pública quanto da particular, vindas de diversas cidades. Também foram divulgados atos públicos marcados para o interior do Estado. Nesse dia são postadas fotos e vídeos das manifestações realizadas em Curitiba. As 21 postagens alcançam a marca de 21.278 curtidas e 6.278 compartilhamentos.

O dia 2 de maio, um sábado, é o único nesses primeiros dias em que não são feitas postagens. A *fanpage* volta a se movimentar no domingo, mas com apenas três postagens. Duas delas são dedicadas à participação e ao apoio da APP-Sindicato a ato organizado pelo Sindicato dos Jornalistas, contra ameaças contra profissionais de imprensa<sup>9</sup>. A terceira postagem informa que a assessoria jurídica da APP-Sindicato vai se reunir para definir os passos da entidade com relação aos ataques feitos pela PM contra os professores. A segunda-feira, 4 de maio é mais um dia de poucas postagens: apenas duas, que convocam a assembleia estadual para o dia seguinte. Vale lembrar que os professores deflagraram greve no dia 25 de abril – o sábado que antecedeu a votação pela Alep do projeto que mexia na previdência do funcionalismo. A convocação agora era para analisar o futuro do movimento, já que maio é a data-base do funcionalismo estadual do Paraná.

Em 5 de maio, dois assuntos dividem a *fanpage* da APP-Sindicato: uma passeata com cerca de 20 mil professores (segundo os organizadores) que vai até o Centro Cívico e o Palácio Iguazu, e a assembleia que decide pela manutenção da greve, na Vila Capanema, estádio do Paraná Clube. As 17 postagens do dia foram curtidas por 11.169 pessoas e compartilhadas 3.216 vezes. Em 6 de maio, com a greve já deflagrada, mais 17 postagens são feitas na *fanpage* da APP, com 9.416 curtidas e 7.188 compartilhamentos. Nesse dia uma

---

<sup>9</sup> Os jornalistas protestaram contra duas situações: primeiro a perseguição a repórteres do jornal Gazeta do Povo, que fizeram uma reportagem sobre denúncias de corrupção dentro das polícias. As polícias Civil e Militar foram acusadas de pressionar os jornalistas para que eles revelassem suas fontes. O segundo motivo da manifestação foram as ameaças sofridas pelo produtor da RPC TV, James Alberti, que cobria as investigações sobre irregularidades na Receita Estadual e numa licitação para contratar emergencialmente uma oficina para manutenção da frota de veículos do Estado na região de Londrina. As duas investigações são conduzidas pelo Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco) de Londrina e em ambas, o empresário Luiz Abi Antoun, primo distante do governador Beto Richa (PSDB) – mas que tem muita proximidade política com o mesmo – foi denunciado em ações criminais como o principal responsável pelos dois esquemas.

comitiva de professores desembarca em Brasília, onde foram ouvidos pela Comissão de Direitos Humanos do Senado. O evento, que foi transmitido em “tempo real” pela *fanpage*, com textos, fotos e vídeos, só apareceu na página da entidade na internet no dia seguinte, com um resumo do dia. Uma das postagens divulga o *link* do boletim virtual APP-informa, na página da entidade. As postagens receberam 9.406 curtidas e foram compartilhadas 7.188 vezes.

## **DISCUSSÃO**

A partir da análise das explosões de descontentamento surgidos na Islândia, Tunísia, Estados Unidos e Espanha, Castells (2013, p. 28) identifica “novas vias de mudança social, mediante a capacidade autônoma de comunicar-se e organizar-se”. Segundo o autor, a novidade trazida por esses movimentos é a conexão entre as redes sociais, que ganharam força ainda na primeira década do Século XXI e a ocupação de espaços públicos. Essa conexão cria um “espaço de autonomia”, estabelecendo novas formas de mobilizações usadas em diversos países, de democracias ocidentais às ditaduras do mundo árabe, e em condições conjunturais diferentes.

O que há em comum a todos esses movimentos é a indignação principalmente com instituições políticas, como governos, parlamentos e judiciários. Mas também há a dificuldade desses cidadãos em ver em instituições da sociedade civil, da imprensa às entidades representativas dos diversos segmentos sociais, a capacidade de retratar, defender ou mesmo representar os seus anseios. Soma-se a isso a facilidade oferecida pela internet e as mudanças culturais oferecidas pelas novas ferramentas de comunicação. E por fim, uma crise financeira e algum episódio dramático que tenha servido de estopim para que a indignação saltasse das ruas para as redes sociais.

Mesmo que as redes sociais tenham grande importância na mobilização dos movimentos, viralizando conteúdos que contribuíram para acender a chama da indignação, eles só ganharam forma ao ocupar os espaços urbanos. Outra marca importante é a ausência de lideranças formais, o que foi assegurado também pelas formas, tanto de organização, quanto de formatação dos processos decisórios internos. Somadas, todas essas características apontam para formas diferenciadas de movimentos, que diferem do que vinha acontecendo até o século XX, ou mesmo dos movimentos que começaram a fazer uso da internet, em meados dos anos 1990, caso dos zapatistas no México, ou na virada do século, caso dos movimentos antiglobalização.

Para Castells, a compreensão dos movimentos sociais em rede desta segunda década do século XXI passa pela compreensão da sociedade em que vivemos. Pelas palavras do autor, eles “trazem a marca de sua sociedade”.

Eles são amplamente constituídos de indivíduos que convivem confortavelmente com as tecnologias digitais no mundo híbrido da realidade virtual. Seus valores, objetivos e estilo organizacional referem-se diretamente à cultura da autonomia que caracteriza as novas gerações de um novo século. Não poderiam existir sem a internet. Mas seu significado é mais profundo. Eles são talhados para o papel de agentes da mudança na sociedade em rede, num contraste agudo com as instituições políticas obsoletas herdadas de uma estrutura social historicamente superada. (CASTELLS, 2013, p. 174-175).

É importante compreender que embora a internet seja importante, isoladamente a tecnologia não consegue dar conta de explicar esses movimentos. A ação coletiva só se torna concreta quando deixa o mundo virtual e ocupa espaços urbanos reais, físicos. Para além das características meramente tecnológicas, Castells vê uma conexão ainda mais profunda entre a internet e esses movimentos, que é o fato deles comungarem de uma “cultura da autonomia”. Ela é fruto de valores que o autor define como “individuação e autonomia”, que ganham força nos movimentos sociais desde a década de 1970.

Castells explica individuação como uma tendência cultural que dá ênfase aos projetos do indivíduo como “supremo princípio orientador de seu comportamento” e que isso é diferente de individualismo. A individuação pode ser adaptada à ação coletiva e a ideais comuns. Para o autor:

A transição da individuação para a autonomia opera-se por meio da constituição de redes que permitem aos atores individuais constituírem sua autonomia com pessoas de posição semelhantes nas redes de sua escolha. Eu afirmo que a internet fornece a plataforma de comunicação organizacional para traduzir a cultura da liberdade na prática da autonomia. Isso porque a tecnologia da internet incorpora a cultura da liberdade, como mostra o registro histórico do seu desenvolvimento. Ela foi deliberadamente programada por cientistas e hackers como uma rede descentralizada de comunicação por computadores capaz de resistir ao controle de qualquer centro de comando. Emergiu da cultura da liberdade prevaiente nos campi universitários na década de 1970. Baseia-se em protocolos de fonte aberta desde sua criação. (CASTELLS, 2013, p. 172).

A comunicação é um ponto importante para os movimentos sociais do Século XXI, estudados por Castells. O autor lembra que a comunicação “em ampla escala” passou por transformações profundas, tanto do ponto de vista tecnológico, quanto organizacional nos

últimos anos. As novas tecnologias propiciam o surgimento de um fenômeno que Castells chama de “autocomunicação de massa, baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa, na internet e mais ainda, nas redes de comunicação sem fio” (CASTELLS, 2013, p. 162).

Essas tecnologias permitem que os movimentos sociais tenham a oportunidade de fazer a sua própria mídia, já que a mídia comercial, assim como os governos e outras instituições, também são objeto de desconfiança dos mesmos. A possibilidade da tecnologia sem fio, as facilidades criadas pelas redes sociais, possibilitaram não só a produção de conteúdos próprios, mas também de distribuição desses conteúdos pelos cidadãos envolvidos nas mobilizações, dispensando o papel da imprensa e da mídia como mediadores do diálogo com a sociedade. O movimento 15M, da Espanha, ao não aceitar a presença de “intermediários fossem eles políticos, midiáticos ou culturais”, o que possibilitou com que todos falassem por si mesmos (CASTELLS, 2013, p. 99).

É interessante notar que mesmo com as facilidades oferecidas pelas tecnologias para a comunicação, os movimentos recorreram ao material impresso, seja no Egito, onde panfletos foram usados para levar a mensagem dos ativistas a favelas, ou nos *Occupy* dos EUA, em que jornais impressos foram usados em algumas das cidades com ocupações de áreas públicas.

Outro dado importante é que os próprios ativistas produziram conteúdos, inclusive como forma de autodefesa. A possibilidade de usar telefones celulares tanto de fazer imagens quanto de veiculá-las em tempo real ou quando muito, com segundos ou minutos de diferença com relação aos acontecimentos, foi usado como forma de proteção contra a violência policial.

## **A APP-SINDICATO NA INTERNET**

A APP-Sindicato conta com uma página na internet (<http://www.appsindicato.org.br/>), uma webrádio (webrádio APP), um canal no *YouTube* chamado TV APP, além de perfis no *Twitter* e no *Facebook*. O site da entidade é o espaço virtual que procura concentrar todos os canais. Nele é possível encontrar *links* para os perfis nas redes sociais, além das informações sobre a diretoria, as versões em PDF dos boletins. As redes não dialogam obrigatoriamente entre si. Na rádio, mesmo durante o período da greve de 2015 só foi possível encontrar programação musical.

Apesar de o site ter um *link* para a TV APP, não há uma conexão direta com o perfil da entidade no *YouTube*. O *link* tem poucos vídeos, apesar da farta produção audiovisual feita pela entidade no período pesquisado. Nos 32 dias analisados neste trabalho, a TV APP transmitiu assembleias estaduais ao vivo e inclusive a manifestação do dia 29 de abril, que

resultou no conflito no Centro Cívico de Curitiba. O vídeo, com quase três horas de duração, está no perfil do *YouTube*, mas “escondido”. O internauta precisa vasculhar para encontrar o material, que tem o título “#eutonaluta” e não faz nenhuma referência a um material de grande interesse, inclusive histórico.

O perfil no *Twitter* também não foi muito utilizado, particularmente durante o conflito ocorrido no dia 29 de abril. O número de internautas que segue o *Twitter* da APP-Sindicato é irrisório, se comparado aos seguidores do perfil da entidade no *Facebook*: 1.915 no microblog, contra 71 mil curtidas. Isso ajuda a explicar o que fez com que o *Facebook* receba maior atenção na presente pesquisa. A *fanpage* recebeu muitas postagens, mas também muitas visitas, compartilhamentos e curtidas durante o período pesquisado, isso sem contar com o volume de comentários, que não é objeto deste trabalho, que se concentrou mais na forma de uso e no alcance das publicações.

Por fim, é importante dizer que durante a greve, além dos cinco jornalistas que já trabalham na assessoria de imprensa da APP-Sindicato, a entidade contratou uma agência de comunicação. Segundo Elizamara Goulart (Diretora da APP-Sindicato) os jornalistas tocavam a produção cotidiana de comunicação, enquanto a empresa trabalhava numa perspectiva diferente, pensando em estratégias e criando produtos, como a peça em que o governador é caracterizado como “Dick Vigarista”.

## **MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE**

Os movimentos sociais contemporâneos têm como principais características a organização em rede, apresentando um novo modelo de liderança, processos de organização interna, estratégias de atuação, uso de dispositivos midiáticos e plataformas digitais. “Essa concepção de liderança descentralizada a partir da construção compartilhada de significados e o uso de meios de comunicação alternativos” (SEGURADO, BACHINI, ARAÚJO, 2015, p. 11).

Outra característica dos movimentos é de que há a horizontalidade no processo de organização, com processo decisório baseado no consenso, o que faz com que “cada um de seus membros seja tão importante quanto o outro para a sua existência e estes se viralizam de tal modo que o próprio MPL atualmente não consegue mensurar o seu próprio número de integrantes” (SEGURADO, BACHINI, ARAÚJO, 2015, p. 11).

Através do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC’s e das manifestações organizadas por esses movimentos com características contemporâneas, incentivam-se formas de participação política, o que permite que “o universo informacional e as movimentações mundiais passaram a ser acessíveis aos usuários contribuindo para o

processo de envolvimento político e quebrando o monopólio da informação dos meios de comunicações tradicionais” (SEGURADO, BACHINI, ARAÚJO, 2015, p. 1819).

Para os autores, as novas tecnologias têm o potencial de articular cidadãos interessados em questões de interesse dos grupos, mas que acabam se unindo sem seguir a tradicional figura da liderança, pois as comunicações adquirem cada vez mais características de comunicação horizontal, com “novas formas de lideranças e organização, mas também identificamos uma assimetria entre essas experiências e a maior parte das situações políticas” (SEGURADO, BACHINI, ARAÚJO, 2015, p. 20).

## **REDES SOCIAIS**

O advento das TIC's propiciou o surgimento de sites que conseguem reunir, organizar e dar visibilidade a essas redes. Tais sites foram denominados redes sociais. Recuero (2014; 2011) define redes sociais como locais através dos quais as pessoas criam perfis, que são suas representações, tornam públicos tais perfis e utilizam as plataformas das redes como espaços para conversação. “Com isso, novos usos e novos sentidos são construídos nas ferramentas, de modo a permitir que os elementos da conversação, como a interação entre dois ou mais sujeitos, sua organização (a criação e o espalhamento das convenções) e mesmo os contextos sejam divididos pelos participantes” (RECUERO, 2014, p. 116).

As TIC tornaram possível uma forma de conversação sem a necessária presença física ou oral das pessoas. Tais conversas utilizam *emotions* e outras ferramentas e passaram a ser comparadas com a conversação oral. “Dizemos que a conversação mediada pelo computador é, assim, uma apropriação, ou seja, uma adaptação de meios que originalmente são textuais e não propícios às interações orais para um fim, que é aquele da conversação” (RECUERO, 2014, p. 115).

As conversações ocorrem tanto em tempo real, quando as pessoas estão num mesmo tempo em contato, como de forma assíncrona, como e-mail ou mensagens. “Ou seja, nas redes entre os diversos grupos, migram e tornam-se conversações cada vez mais públicas, moldam e expressam opiniões, geram debates e amplificam ideias” (RECUERO, 2014, p. 116), que são conversações que se expandem e podem adquirir contornos gigantescos com a participação de milhares de pessoas e interações.

## **ATIVISMO DIGITAL**

“A última década do século XX fez-nos ultrapassar um limiar de planetarização notável: fim da bipolarização política mundial, explosão do ciberespaço, aceleração da globalização econômica” (LÉVY, 2001, p.11). Esse é o cenário descrito pelo autor ao fazer

um panorama do momento histórico em que surgiu o Ativismo Digital ou Ciberativismo, entre outras denominações aplicadas. Com a abertura política e com a globalização mundial, surgiram novas formas de protesto e de relacionar-se com o governo e as empresas. Emergem pessoas que direcionaram o uso de plataformas digitais para organizarem-se e protestarem contra o Estado ou conglomerados privados.

Malini e Antoun (2013, p.18) discorrem sobre o surgimento do Ciberespaço: “[...] o ano de 1984 pode ser lido como o ano da invenção do ciberespaço. É o instante de organização de inúmeros grupos ativistas que fundam a noção de ciberespaço – esse território virtual de trocas, ação coletiva e produção comum de linguagens”. O acesso às ferramentas disponibilizadas na internet democratiza o ingresso e a emissão de opiniões pela sociedade civil, bem como a criação para espaços de discussão e associações online.

Os movimentos sociais perceberam que com a formação estrutural em rede digital seria possível ultrapassar as barreiras, principalmente física e orçamentária, vendo no mundo interconectado a possibilidade de melhor ecoar suas demandas. Esses espaços em rede digital alcançaram a aproximação de vários indivíduos com as mesmas demandas, potencializando suas reivindicações, assim como a troca de experiências bem sucedidas de como organizar e divulgar suas opiniões. Conforme Malini e Antoun (2013) “com a emergência do ciberespaço (ambientes virtuais comunitários e participativos dos grupos de discussões), a comunicação distribuída suporta uma série de ativismos que vai da distribuição de *hacks* à articulação de ações coletivas contra sistemas totalitários [...]”.

Esse ativismo digital tem em sua pauta uma diversidade de assuntos emergentes na sociedade que reivindicam desde melhores condições de trabalho e salário, saúde, habitação, gênero, classe social, criação de leis e decretos, meio ambiente, etc.

Para Silveira (2010, p.31) o ciberativismo “[é] um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas, principalmente na internet”. O Ciberativista usa a comunicação digital para pressionar os líderes políticos a escutar os protestos e solicitações, essas que antes somente eram escutadas por aqueles manifestantes que estavam presentes, ou engajados na causa, mas agora tem uma repercussão grande de suas ideias, conseguindo com que várias pessoas tenham acesso e possam comunicar entre elas.

O ativismo digital, de acordo com Puntel (2013, p. 570), “é utilizado por grupos de internautas específicos para reivindicar direitos ou para divulgar causas e realizar manifestações, virtuais ou no ‘mundo físico’, por meio de *sites*, *blogs* e de redes sociais”. A internet corrobora em vários aspectos com os movimentos sociais como esclarecido por Puntel, à realização de movimentos sociais pela internet é algo contemporâneo e somente é

possível pelo advento da internet e da sua possibilidade de articular-se em rede, estabelecer comunicação com vários líderes e ativistas de movimentos diferentes.

Os usuários da internet são conhecidos como internautas, desta forma, as pessoas que realizam ciberativismo na internet foram denominadas, conforme Puntel (2013, p.571), como ciberativistas “[..] utilizam a internet como ferramenta essencial para espalhar novos ideais, opiniões e críticas, e, ao mesmo tempo, buscar e trocar informações, no intuito de também produzirem informação e divulgar conteúdos na rede mundial de computadores”. Os ciberativistas estão presentes na internet buscando conseguir com que suas opiniões sejam compartilhadas pelo máximo de pessoas possíveis e, com isso, a causa defendida e abordada ganha mais ativista e que ecoe em uma diversidade de países e novos adeptos a essa causa.

O uso de *sites*, *blogs*, redes sociais digitais por ciberativistas vem espalhando-se pela esfera global rapidamente. A rede social digital é a grande protagonista nesse processo de mudança e incorporação do novo modelo de engajar e participar de movimentos sociais. Os ciberativistas colocam nas redes sociais digitais suas opiniões, as quais posteriormente são compartilhadas por outras pessoas engajadas ou não, que se reconhecem naqueles ideais, assim, tomando proporções surpreendentes. Contudo essa afirmação vem ao encontro do que foi posto por David de Ugarte (UGARTE, *apud* PUNTEL, 2013, p.571) o qual coloca que o ciberativismo “pode ser entendido como toda estratégia que busca uma mudança na agenda pública, com a inclusão de ‘novos’ temas na ordem do dia da grande discussão social”, utilizando-se da difusão de mensagens entre pessoas.

## **FACEBOOK**

Pesquisa do *Pew Research Center*<sup>12</sup>, divulgada em janeiro deste ano, revela que o Facebook é a rede social preferida pelos americanos adultos. Os dados mostram também que, embora o crescimento do site tenha se tornado mais lento, desde 2013, em comparação com outras redes de relacionamento e compartilhamento, os usuários do *Facebook* estão se engajando mais na plataforma, diariamente e, a maioria deles, várias vezes ao dia. A pesquisa identificou ainda uma tendência de uso de mais de uma rede social por cada usuário, com o Facebook funcionando como *home base* dos *social media*. Tal fenômeno se repete no Brasil. Relatórios do Facebook divulgados em agosto e dezembro de 2014 indicam que 66,2% dos 89 milhões de usuários da rede no país, isto é, 59 milhões de pessoas, acessam-na diariamente. E, em Salvador, a exemplo do que ocorre nos EUA, os 147 eleitores usuários do *Facebook* de nossa amostra também usam outras redes sociais, com destaque para o *Whatsapp* (122); seguido pelo *Instagram* (45); *YouTube* (36), *Twitter* (18); *MySpace* (1); *Google +*(1).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito tempo não se viam manifestações envolvendo tanta gente e ações com tanta contundência quanto as que marcaram o Paraná no primeiro semestre de 2015 sendo organizadas pelo movimento sindical brasileiro. A institucionalização do sindicalismo tirou o ímpeto que ele tinha nos seus primórdios, na década de 1910, ou mesmo na fase do chamado “novo sindicalismo”, que na década de 1970 fez grandes greves no ABC paulista, contribuindo para fragilizar a já decadente ditadura militar (1964-1985).

O que chama a atenção nos acontecimentos aqui pesquisados são algumas práticas e estratégias que se assemelham às dos novos (novíssimos?) movimentos sociais, que a partir dos zapatistas mexicanos, na década de 1990, passando pelos movimentos antiglobalização que tiveram em Seattle, 1999, o seu primeiro marco visível e chegando aos *Occupy* nos Estados Unidos, os indignados espanhóis, a Primavera Árabe e as jornadas de junho no Brasil, que marcaram a primeira metade desta década. Os fatos de fevereiro e abril de 2015 no Paraná mostram como o tradicional movimento sindical, com suas raízes no início da Revolução Industrial na Europa e no Brasil passa pelo anarcosindicalismo da década de 1910, conseguiu fazer uso da internet, das redes sociais e das novas tecnologias para alcançar seus objetivos de mobilizar e tornar suas reivindicações simpáticas à sociedade.

O uso das tecnologias é a primeira semelhança das mobilizações paranaenses com os movimentos sociais da primeira metade desta década. Textos, imagens, vídeos – muitos deles produzidos por telefones celulares dos ativistas, durante as manifestações, apesar de a APP-Sindicato contar com uma assessoria de imprensa composta por cinco jornalistas – foram amplamente usados não só pela direção sindical institucionalizada, como também pelos ativistas. Esse material foi usado nas páginas e perfis oficiais da APP-Sindicato e contribuiu para mobilizar a categoria e dialogar com a opinião pública, que se posicionou majoritariamente favorável às reivindicações dos servidores públicos.

Pode-se dizer que foi um movimento automeiado, a exemplo das outras mobilizações, que produziram seus próprios conteúdos. O movimento se comunicou diretamente com a sociedade, em vários momentos sem a mediação da imprensa, como por exemplo, na transmissão ao vivo pelo *YouTube* da manifestação de 29 de abril. Foram quase três horas de transmissão, parte dele (em torno de uma hora) do conflito com a polícia especificamente.

Outra semelhança é que, como mostra Manuel Castells, o movimento ganhou força por não se restringir às redes sociais: ele se concretizou ao ocupar espaços públicos urbanos. A exemplo do *Ocuppy* norte-americanos, o movimento dos professores também montou vigílias e acampamentos em locais públicos – em fevereiro a Praça Nossa Senhora de Saete, onde ficam as sedes dos poderes estaduais e depois o plenário da Alep, e em abril a Praça 19 de Dezembro, mais conhecida pelos curitibanos como Praça do Homem Nú, em decorrência de um monumento.

A diferença do movimento dos professores para os movimentos estudados por Castells, é que havia uma liderança institucionalizada e claramente estabelecida, que era a APP-Sindicato. Movimentos como os da Primavera Árabe, os indignados espanhóis, os *Ocuppy* e as jornadas de junho são marcados pela horizontalidade e o esforço para não permitir o surgimento de líderes. São as pessoas falando individualmente por si, sem representantes de qualquer natureza. No caso da APP-Sindicato, em alguns momentos os ativistas “fugiram” ao controle da direção, como no episódio da invasão do plenário da Alep.

Por fim, uma questão que não é possível responder nesse trabalho é se o movimento sindical vai adotar os formatos dos novos movimentos ou se mobilizações sindicais como a do Paraná são fruto do seu tempo. No que diz respeito à tecnologia, parece que sim, os movimentos se esforçam para fazer uso dessas ferramentas. Com relação à horizontalidade parece mais difícil, apesar de, em alguns momentos, a base passar por cima das vontades das lideranças. Por outro lado, a existência de uma direção institucionalizada, que diferencia o sindicalismo dos novos movimentos sociais, é o que garante a continuidade do movimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimentos sociais; comunicação; redes sociais; batalha do Centro Cívico; APP-Sindicato.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança** – Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LÉVY, P. **Filosofia World: O Mercado, o Ciberespaço, a Consciência**.2011. Disponível em:<<http://www.tecnoartenews.com/share/e-book-gratis-filosofia-world-o-mercado-o-ciberespaco-a-consciencia-de-pierre-levy/>>. Acesso em: 30 maio 2015.

MALINI, F; AUTOUN, H. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Editora Sulina, 2013. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PUNTEL, T. J. Novas Dimensões na Comunicação Global: o ativismo digital como propulsor de movimentos sociais e o caso da primavera árabe. In: **Anais do 2º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede** (2013). Disponível em: <<http://www.ufsm.br/congressodireito/anais>> Acesso em: 26 maio 2015.

RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. In: **Verso e Reverso**, XXVIII(68):114124, maio/agosto 2014. Página 114 a 124.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SEGURADO, R.; BACHINI, N.; ARAÚJO, R. A.P. A representação e a rede: a liderança política nos movimentos sociais contemporâneos. In: **Anais do VI Congresso da Compolítica** (2105). Disponível em: [http://www.compolitica.org/home/?page\\_id=1672](http://www.compolitica.org/home/?page_id=1672). Acesso em: jun. 2015

SILVEIRA, S. A. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. **Revista USP**, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13811> >. Acesso em: 23 maio 2015.

Sites consultados

**APP-Sindicato** .<http://www.appsindicato.org.br/>. Acesso em 12 de agosto de 2015.

**APP-Sindicato**. <http://pt-br.facebook.com/appsindicato>. Acesso em 12 de agosto de 2015.